

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLEÇÕES XXVII. O ARTISTA FRANCÊS EDOUARD BROHY. SEGUNDA PARTE.

VITORINO, Pedro

Ano: 1944 | Número: 54

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XXVII. O artista francês Edouard Brohy. Segunda parte. *Revista de Guimarães*, 54 (1-2) Jan.-Jun. 1944, p. 48-58.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XXVII

O artista francês Edouard Brohy

(Segunda parte)

Uma feição especial do artista evidenciava-se no interêsse manifestado pela arqueologia, particularmente da Idade-Média. Numerosos desenhos seus, de monumentos, esculturas e iluminuras colhidos das fontes originais com o maior rigor de pormenorização, necessário ao estudo — pois era êste o objectivo da recolha — tal confirmam. Mas a Brohy não satisfazia só o desenho, a lápis ou a tinta, pois o completava com a indicação das côres do modelo, mesmo que a cópia feita se destinasse à impressão monocromica. Obtinha assim mais elementos, que ainda preenchia, eruditamente, de notas históricas.

Vê-se que para êle, um desenho documental só o era, em verdade, quando esclarecido pela história.

E' fora de dúvida que Brohy possuía natural sentido investigador, que a sua visão de artista upurava.

O meio onde nascera e no qual foi educado contribuíu poderosamente para a criação do seu espírito, compreensivo e operoso.

Ruão era cabeça da província onde a renascença da arqueologia francesa se iniciava, justamente na altura em que Edouard Brohy entrava nos estudos; o facto talvez tivesse influído na escolha da carreira, tentando-o, assim, a arte do desenho.

Então, o conhecimento da arte ogival difundia-se, mercê dos arqueólogos ingleses que depois de terem

recolhido na Normandia do século XIII os princípios dessa arte incomparável traziam a público numerosas monografias àcerca dela.

Foi um grupo de sábios normandos que procurou reagir contra a indiferença geral, perante as maravilhas arquitetónicas francesas da Idade-Média.

Dois nomes, no momento, se evidenciavam na cultura: De Gerville, iniciado durante a imigração nos trabalhos dos arqueólogos da Inglaterra, um dos fundadores da Sociedade dos Antiquários da Normandia, o feliz criador, em 1824, da designação de *românico* aplicada a um notabilíssimo período da história da Arte, e Arcisse de Caumont, autor de valiosos estudos respeitantes à arqueologia medieval, que lhe dariam foros de fundador da arqueologia em França.

Ao jovem Edouard, então aluno distinto da Academia das Artes, de Ruão, com o entusiasmo próprio da idade a animar o seu espírito decidido ao estudo, todos êsses factos de ingente actividade cultural não resultariam indiferentes.

Além disso, na própria escola que freqüentava encontraria uma chama estimulante e acalentadora. Era o exemplo de seu mestre de desenho Hyacinthe Langlois, pintor e arqueólogo.

Dêste artista fala-nos assim E. Bénézit no seu *Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs & Graveurs* (Paris 1924):

«Langlois (*Eustache-Hyacinthe*), peintre de paysage, dessinateur, graveur et archéologue, né à Pont-de-l'Arche le 3 août 1777, mort à Rouen le 29 septembre 1837 (Ec. Fr.) «Elève de Laumonier et de David..... Il vint s'établir à Rouen, fut nommé professeur à l'école des Beaux-Arts de la ville et eu une influence considérable sur les artistes de la région. Langlois consacra son très réel talent (ses aquarelles sont charmantes) à mettre en lumière les beautés artistiques et les curiosités archéologiques de l'ancienne capitale de Normandie».....

Publicou, e ilustrou êle próprio, várias obras (que Benézit cita) onde a arte da sua terra foi amorosamente divulgada.

Brohy teve nesse mestre o seu principal educador.

Necessário é, pois, perante aquilo que de Langlois conheço, que dêle me ocupe.

*

* * *

Algumas aguarelas, desenhos e gravuras, de Langlois se encontram entre nós, como tenho verificado, sem que, porventura, seja dada verdadeira conta do autor delas, desconhecido quási por completo. Devem ter vindo para Portugal nas colecções de Brohy que, decerto, carinhosamente as reüniu, e conservou como lembrança saúdosa do seu mestre normando, a quem o estreitavam, ainda, fortes laços de amizade.

A gratidão pela memória do mestre acha-se comprovada não só pela reunião dos trabalhos dêle, mantida religiosamente pelo discípulo agradecido, como também por pequenos nadaes que se nos antolham.

Um dos desenhos de Brohy é cópia, decalcada, de outro, recolhido como elemento histórico, onde se lê esta nota: «Vue Septentrionale du chateau de Neufbourg, en Normandie; département de l'Eure. Dessin d'après un croquis fait d'après nature en 1770, par Mr. Langlois, père de mon professeur.» Certa dependência do castelo, é marcada com três aves a voar, que uma nota à margem, com marca igual, elucida: «Local ou l'on exécute pour la 1.^{re} fois une opera, en France».

Vê-se que o pai de Hyacinthe Langlois era também desenhador, e amoroso de antiguidades.

Langlois tinha uma irmã, dada de igual modo às artes do desenho e da gravura a água-forte, a qual foi sua cooperadora. Os nomes, de um e de outro, encontram-se por vezes associados.

Bénézit informa: «Langlois (*M.^{lle} Espérance*), dessinateur et graveur à l'eau forte. Soeur d'Eustache Hyacinthe Langlois. Elle a travaillé pour la plus part des ouvrages de celui-ci.»

Confirmam a asserção várias gravuras em meu poder, com subscrições assim: *M.^{lle} Espérance Langlois & E. H. L.^s del. et Sc.*; *E. H. L.^s et M.^{lle} Espérance Langlois del. & Sc.* Outros trabalhos eram apenas subscritos pela senhora.

As águas-fortes, feitas no sentido ilustrativo documental, exigiam certa perfeição, o que a artista obtinha visto ser excelente desenhadora.

Em alguns trabalhos de conjunto, em que o delinear da estampa cabia à irmã, executando Langlois a gravura, propositadamente, e para menor evidência, o nome dêste aparecia posto ao invés.

Uma gravura que tenho, sem inscrição por ser prova antes da letra, é assim subscripta: *E. H. Langlois des. 1825, E. H. L.^s et M.^{lle} Espérance Langlois Sc. 1826*. Representa as ruínas de uma igreja ogival tomadas do interior, e nela se acham figurados três personagens, dos quais dois, mais em evidência, são, sem dúvida, o artista e sua irmã; esta, de largo chapéu, sentada numa pedra a desenhar, aquele, de pé, com sua pasta sobraçada, em descanso, negligentemente encostado a umas cantarias lavradas, onde pousou o capote e o seu chapéu alto; figura esbelta de estatura mais que mediana, cabelo revoltado, caído na testa, e cara glabra, tipo de elegância da época romântica.

O artista subscrevia, quasi sempre, as gravuras com as iniciais do nome e o apelido por extenso, sem esquecer a naturalidade, a indicação de autoria — do desenho, gravura, ou de ambos — e a data; assim: *E. M. Langlois de Pont de l'Arche del. & Sculp. a. f. 1816*; a água-forte também era indicada dêste modo: *ag. f. inc.*. Por vezes adoptava os nomes abreviados ou só as iniciais.

Apesar de Bénézit o dar como paisagista, parecendo, pois, que foi apenas isto, Langlois tratava magnificamente a figura e produzia composições de muito agrado.

Um dos seus trabalhos, quasi miniatural, desenhado e aberto a água forte em 1816, é um friso de feição satírica e filosófica. Não tem inscrição. Compreende inúmeras figuras, caminhando em tropel, precedidas da Fortuna e acossadas pelo Tempo, que lhes brada *Hu! Vil Trupeau*. Vê-se a Tirania acorrentando os povos, a Fôrça esmagando a Fraqueza, a Adulação subvertendo a Verdade, a Justiça humana com uma balança, onde um saco de dinheiro num prato pesa mais do que o coração pôsto no outro prato. Tôdas se diri-

gem para uma coluna com os dizeres — *Nec Plus Ultra. Ici se brisent l'orgueil et la fort(une)*; do outro lado da coluna, estão a Morte e o Destino, recolhendo a um coval os figurantes que chegam, com estas palavras: *Venez j'engleutirai vos nons et vos forfaits*; acima destas últimas figuras acham-se simbolizadas a Justiça Divina e a Igualdade eterna.

Verdadeira cêna apocalíptica do destino humano, delineada por um pintor de admiráveis recursos imaginativos e artísticos.

Outra água-forte do mesmo género satírico, mas mais mordente na objectivação, ridicularizando hierarquias, pelo flagrante realismo das materialidades humanas que patenteia, tem a legenda *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*, e é acompanhada dêste versículo bíblico: *Quis potest facere mundum de immundo conceptum Semine?*. Job. C. XIV.

Ambas as gravuras reveiam o espírito facêto, e ao mesmo tempo reflexivo, do autor.

Langlois trabalhou em litografia, contando-se entre os primeiros que em França adoptaram a fecunda descoberta de Senefelder. Tal o indica a estampa com a subscrição *E. H. Langlois & L. F. Garnier, f. 1818, Imp. Lithog. de C. de Last.*, que é um verdadeiro incunábulo da arte litográfica. Prova de officina, está impressa nos dois lados, num dos quais, só, mostra a inscrição.

Representa um vale profundo, onde, junto de um riacho de água caíndo em cascata, se vê uniformizado, hirtó como estátua, de braços cruzados, um polaco com medalha ao peito. Num grupo de quatro mulheres campesinas, com suas rocas e cesto de frutos, aquela que se acha de pé aponta às companheiras o entristecido militar. A estampa intitula-se *L'Exilé*, e tem êstes versos:

A' d'aimables compagnes
Une jeune beauté
Disait dans nos campagnes
Régne l'humanité;
Un étranger s'avance
Qui parmi nous errant

Redemande la France
Qu'il chante en soupirant;
D'une terre chérie
C'est un fils désolé;
Rendons une patrie
Au pauvre exilé.



Água-forte de Edouard Brohy.

A França, sempre generosa, acolhia e acarinhava no seu solo os desventurados polacos, aos quais os tratados de 1815 tinham suprimido a liberdade pátria.

E' natural que esta litografia tivesse sido feita para venda em benefício dos exilados polacos.

As aguarelas, "gouaches" e desenhos (à pena e a lápis) que possuo deste artista, representando vistas, marinhas e composições variadas—impossíveis de individualizar aqui—, bem como outros trabalhos dispersos que conheço, permitem-me aquilatar as altas qualidades artísticas de que era dotado o mestre normando de Edouard Brohy. Muito lhe deveria o discípulo.

Na figuração da máscara humana, ainda, Langlois se mostrava exímio, como o indicam três retratos produzidos pelo seu lápis, na minha posse. Um deles fixa a fisionomia sisuda de um normando célebre que a revolução francesa forçou a imigrar, e subscrito: *E. H. Langlois amicium suum ad viv. del. et. aq. f. incid.*. Nota a lápis esclarece: *Brunel, né aux Andelys près Rouen. Architecte du passage sous la Tamise.* Outro, com a subscrição: *E. H. Langlois Amicissimum suum aq. f. effieb. A. M.D.CCC.XXIX*; a lápis lê-se: *Mr. Leverd ou Lereverd, antiquaire de Normandie.* O terceiro retrato é litografado, com a data de 1827, e a inscrição: *P. L. G. Gosseaume.* A lápis: *medecin.*

As notas, a lápis, das três estampas, são da letra de Brohy.

Várias publicações arqueológicas de importância tiveram H. Langlois como colaborador; alcanço conhecimento directo destas:

Monuments Français inédits, pour servir a l'histoire des Arts, et ou sont représentés Les Costumes Civils et Militaires, les Instruments de Musique, les Meubles de toutes especes et les Décorations intérieurs des Maisons. Dessiné, Colorié, Gravé et Rédigé par N.^s X.^r Willemin, 1806.

Collection de Costumes, Armes et Meubles, pour servir a l'Histoire de France, depuis le commencement de la Monarchie jusqu'a nos jours, por M. le Comte Horace de Viel-Castel. Paris 1826.

Os desenhos para estas publicações, feitos directamente dos monumentos, exigiam, em vista da sua

função testemunhal, lápis muito apurado e fidelidade rigorosa.

M.^{lle} Espérance também efectuou trabalhos do mesmo género, gravados a água forte pelo irmão, entre êles cópias de vitrais, que realizava com invulgar perfeição, como me é dado verificar por alguns dos seus desenhos coioridos.

Animado pelo exemplo de seu mestre, Edouard Brohy aventurava-se na senda tentadora, mas por certo ingrata, do desenho arqueológico documental. Dessa forma entrava públicamente no mundo da arte.

*

* *

Ao lado de desenhadores consagrados, como Tony Johannot, «l'enfant gâté de l'École Romantique», e seu irmão Alfred, Foussereau e Douzats «un des maîtres les mieux doués de l'école de 1830», Marville e outros, em 1835 Edouard Brohy alinhava como ilustrador da obra *Histoire Pittoresque de l'Angleterre*, do Barão de Roujoux, vendo-se desenhos dêle, assinados, nos dois primeiros volumes dessa importante publicação. Trata-se de desenhos de arquitectura, de estátuas tumulares e de iluminuras que deveriam ter sido feitas directamente dos originais. Isto leva-me a crer que Brohy teria feito estadia mais ou menos longa na Inglaterra.

O pintor Douzats visitou a Península, tendo estado em Portugal. Provável é que transmitisse ao seu jovem colega impressões agradáveis acêrca do nosso país, tão pouco conhecido dos franceses, ao contrário do que sucedia com os britânicos, a cujos viajantes era familiar êste cantinho acolhedor do ocidente. Não seria difícil encontrar na imprensa inglesa referências justas a Portugal. Por êsse tempo, mesmo, o popularríssimo periódico *The Penny Magazine* (vol. II, 1833) em um artigo intitulado «The labours of Europe» dizia que a gente do campo portuguesa difere consideravelmente no aspecto e modos dos seus vizinhos de Espanha, especialmente dos castelhanos, afirmando: «muitos viajantes que têm visitado ambas as regiões, preferem o aldeão português: é mais sociável, dócil

e bem humorado do que o espanhol". Era o elogio da massa comum do povo nas suas origens mais puras.

A boa índole do habitante ocidental da Península, notada pelos viajeros observadores, deveria constituir motivo de atracção para quem se dispusesse a procurar o nosso país. Se o ignorava Brohy antes de cá chegar, soube-o depois por experiência prolongada, tanto, que aqui se fixou amorosamente até ao termo da existência, que não foi curto; êle, e seus irmãos, Eugène — que o antecederam na morte —, e M.^{lle} Caroline que lhe sobreviveu, falecendo, octogenária, em 1907.

Alguns dos desenhos de Brohy que serviram para ilustrar a *Histoire Pittoresque de l'Angleterre* por meio da gravura em madeira, ainda existem na papelada procedente do artista. Estão neste caso umas letras capitulares de iluminuras do século XII, onde foi posta a nota: "From the British Museum, Harlein Library, N. 2800". Outra letra capitular, esmaltada com as côres indicadas num primeiro desenho, colhido no British Museum, Royal Lib., 20 D 10, tem a legenda: "Edouard III donnant a son fils le Prince de Galles une charte qui lui concède la souveranité de la Guienne". O enquadramento de um ms. do século XIV, curioso espécime da arte e dos costumes da época, tirado de um psaltério, tem dois desenhos, um no tamanho do original, o outro na redução com que foi gravado em madeira para a obra referida.

Como estas primícias do seu trabalho deveriam ser gratas ao espírito do artista em alguns possíveis momentos de contemplação do passado!

A actividade artística de Brohy em França não parece que tenha sido grande — pelo menos falecem-me elementos de informação — se bem que do seu tempo de estudante se encontrem já estampas litografadas. Uma litografia, destinada ao livro *Le Navigateur*, intitulada "Combat entre un Négrier et un Pirate" tem esta subscrição: *E. Brohy, d'après C. Precourt 1829. Lith.º de Nicétus Periaux. Rouen.* Na data indicada Edouard Brohy contava apenas 18 anos de idade.

A curiosidade de saber, de explicar os monumentos que via e o seu lápis fixava, induzia o artista — como

foi assinalado já — à rebusca dos textos aclaradores, reunindo êle, assim, notas históricas e arqueológicas, talvez apenas para uso pessoal, mas possivelmente úteis a outros.

Ao sentimento da arte aliava-se nesse jovem desenhista a ânsia da erudição.

Procurava que os objectos saíssem da sua mudês aparente para melhor os poder conhecer e interpretar. Por isso, cada desenho que fazia ou cada estampa que colecionava tinha notas marginaes ou papéis, apensos, explicativos.

Educar-se para lhe ser possível educar os outros, visto antever no professorado um recurso para poder afrontar a vida, foi desejo absorvente que o seu espírito experimentou. O empenho da cultura dominava-o.

Dois exemplos, tomados quási ao acaso, justificam a asserção.

Um dos desenhos feitos para a *Histoire Pittoresque de l'Angleterre*, inserto no primeiro tómo da obra, representa o portal da igreja de Dinton, perto de Aylesbury, no condado de Buckingham, curiosíssimo trecho de architectura saxónica — modalidade do românico — cujo tímpano é ornado de monstros simbólicos e tem uma inscrição latina. Brohy reuniu notas históricas e arqueológicas àcêrca da igreja, de várias origens, em inglês e francês, entre elas, a cópia de uma carta escrita em 1785 sôbre o valor do monumento. Tais notas poderiam servir de base a uma pequena monografia.

Certo apontamento, que deveria ter seu lugar junto de estampa representativa do grupo colossal de mármore antigo, o *Nilo*, embora dê informação bem conhecida, corrobora o referido desejo de tudo poder explicar: «C'était d'après la hauteur atteinte chaque année par le Nil qu'on fixait la cote des impôts. Pour que l'année fut bonne, il fallait que l'inondation atteignit seize coudées; c'est pour cela que seize petits enfants jouent autour de la statue du Nil qui est au Vatican.»

As notas manuscritas, agora sem a ordenação que tiveram, são numerosas, e, de modo geral, relacionadas com a história da arte e das artes decorativas.

Reflectem na sua abundância e escolha, aturado esforço e prolongada leitura.

Não posso furtar-me ao traslado de uma delas, que, certamente, norteou o artista na sua vida intellectual.

E' uma expressão sintética formulada pelo grande mestre flamengo da pintura que se chamou Rubens: "Voir, comprendre, se souvenir, c'est savoir."

*

* *

A análise de Edouard Brohy, como desenhador, aguarelista e litógrafo, principalmente, na actividade exercida no nosso país, não cabe ainda aqui. Por agora limito-me a trazer a público, para prévio conhecimento do ignorado artista, uma das suas expressivas águas-fortes (vid. grav.).

Lançarei ainda mão, como fecho destas notas, de sugestivas cópias tiradas de uns papéis onde se reúnem trechos de poesias de carácter sentimental, com alusões ao amor, à intriga, ao desprezo e à resignação.

Haverá qualquer elemento comum, episódico, entre factos da vida do artista e a essência das cópias que fêz? Ousada seria a afirmação.

Contudo, a suspeita de uma alma dolorida que acerbo espinho tivesse ferido, afigura-se plausível.

Do autor dramático, inglês, seiscentista, Otway, seleccionou os versos:

«Les pères ont, ma foi, de vrais coeurs de rocher;
Larmes, gémisséments, rien ne peut les toucher.»

E como Lord Byron, no *Child Harold*, o artista repetiria a exclamação saúdosa, ao deixar a pátria:

«Ma terre natale, adieu».

PEDRO VITORINO.